

O INSÓLITO NO CONTO “A ARMADILHA” DE MURILO RUBIÃO

THE UNUSUAL IN THE SHORT STORY “THE TRAP” BY MURILO RUBIÃO

Viviani Dias Barradas de Souza¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-3164-8698>

Sidnei Luiz Flach²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0009-0003-6256-7328>

Ana Paula Fernandes Massuia³

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0009-0004-7168-8890>

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i2.516> Publicado em: 06.02.2026

Resumo: O presente trabalho apresenta reflexões sobre o conto “A Armadilha”, de Murilo Rubião, com base na literatura fantástica. O objetivo do estudo é analisar as angústias vividas pelo personagem Alexandre Saldanha Ribeiro ao ser conduzido ao insólito e sua interação com a figura do “outro” (o velho). A metodologia fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico, utilizando o aporte teórico de Todorov (2003) sobre o fantástico, Propp (1984) sobre a estrutura do conto. Por meio da análise do conto, busca-se compreender as relações entre o ser humano e o mundo, bem como a fuga para o mundo imaginário presente na literatura fantástica. A narrativa de Murilo Rubião também revela a desestruturação da razão na figura da personagem, insegurança e seu aprisionamento indefinido. A análise destaca o suspense e a hesitação fantástica que emergem da ausência de explicações lógicas vividas pela personagem. Assim, no conto “A Armadilha” há uma metáfora da condição humana, retratando a fragilidade dos indivíduos e a porosidade da realidade. O insólito conduz o leitor a uma autoanálise sobre angústias existenciais, isolamento e a complexidade das relações humanas, em que o passado e o presente se fundem em um labirinto sem saída.

Palavras-chave: Murilo Rubião; Insólito; Literatura Fantástica;

Abstract: This paper presents reflections on the short story “A Armadilha” (The Trap) by Murilo Rubião, through the lens of fantastic literature. The objective of the study is to analyze the anxieties experienced by the character Alexandre Saldanha

1 Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na Unioeste, câmpus de Cascavel. Mestre em Letras (Profletras) pela Unioeste, câmpus de Cascavel (PR). Professora da rede municipal de ensino. <https://orcid.org/0009-0009-3164-8698>. E-mail: vivianibarradass@gmail.com

2 Doutorando pelo PPGL da Unioeste – Cascavel – Pr. Professor da Rede Municipal e Estadual de Ensino. <https://orcid.org/0009-0003-6256-7328>. E-mail: flachsidnei@gmail.com

3 Mestre em Letras (Profletras) pela Unioeste – Cascavel – Pr. Professora da Rede Municipal de Ensino. <https://orcid.org/0009-0004-7168-8890>. E-mail: aninha_fernandesmas@hotmail.com



Ribeiro as he is led into the uncanny, as well as his interaction with the figure of the “other” (the old man). The methodology is based on analytical bibliographic research, utilizing the theoretical frameworks of Todorov (2003) on the fantastic and Propp (1984) regarding the structure of the folktale. Through the analysis of the story, we seek to understand the relationships between the human being and the world, as well as the escape into the imaginary world present in fantastic literature. Rubião’s narrative also reveals the deconstruction of reason within the character, alongside insecurity and his indefinite imprisonment. The analysis highlights the suspense and the fantastic hesitation that emerge from the absence of logical explanations. Thus, “A Armadilha” serves as a metaphor for the human condition, portraying the fragility of individuals and the porosity of reality. The uncanny leads the reader toward self-analysis regarding existential anxieties, isolation, and the complexity of human relationships, where past and present merge into a dead-end labyrinth.

Keywords: Murilo Rubião; Fantastic Literature;

Introdução

O termo “insólito” vem sendo utilizado com frequência em literatura, como as obras de “A banalização do insólito na modernidade líquida: uma leitura d’o ex-mágico da taberna minhota, de Murilo Rubião” em Aguiar (2018), dentre muitos outros autores que também abordam o insólito. Nesse sentido, entende-se por insólito consoante Garcia (2007) fenômenos raros e extraordinários que rompem com a lógica do cotidiano, desafiando as normas, tradições e as expectativas habituais de uma cultura específica sobre a realidade.

Embora haja uma série de trabalhos publicados com a vertente do insólito, como citado anteriormente, importantes para reflexões e avanços nos estudos literários, conciliar o insólito ao precursor da literatura fantástica moderna, ou seja, a Murilo Rubião, é importante, pois sua escrita mostra o retrato da sociedade atual, a qual se apresenta incutida em uma “realidade porosa”. Ao contextualizar tal ponto ao conto “A Armadilha” de Murilo Rubião, versão de Schwartz (1982), propõe-se levar o leitor a refletir a partir do personagem Alexandre Saldanha Ribeiro sobre algumas angústias que levam ao insólito.

A “*literatura Fantástica*” e sua definição, consoante (Todorov, 2003, p. 30 e 31) ocorre pela ilusão de sentidos que é produto da imaginação, parte integrante da realidade, mas que, ao mesmo tempo, surge em um ambiente de incerteza e assim estabelece uma relação com o real e o imaginário. Dessa maneira, ocorre a desestruturação da razão, nos quais os indivíduos se deparam com fatos inexplicáveis, que podem levar a reflexões a respeito das angústias do ser humano e sua ânsia de encontrar a si, Silva (2013).

A literatura fantástica leva os leitores a se depararem com elementos não explicáveis pela razão, ambientes no qual o mistério se mistura ao real. Muitos autores transmitem em sua escrita esse ambiente de mistério, como *A Metamorfose* (1915) de Franz Kafka, os contos de Edgar Allan Poe e, no Brasil, Murilo Rubião, considerado o precursor da literatura fantástica moderna em Furuzato (2002). A partir de seus contos, os leitores são conduzidos a universos ficcionais

fascinantes ou aterradores, uma vez que o escritor tem o papel de desemaranhar fatos muitas vezes sem sentido para aquele que lê a literatura fantástica.

Com relação ao gênero conto, (Samperio, 2005, p.14), ao retratar os contos com base em Poe, descreve que a partir das considerações teóricas realizadas pelo autor norte-americano, além de ser precursor de diversas modalidades de conto, os contos tomaram uma consciência teórica sobre si e que, a partir disso, os contistas foram levados intencionalmente a uma renovação constante desse gênero. Com uma nova roupagem, pode-se realizar um paralelo entre os conflitos realizados nos contos e os que ocorrem com o ser humano, sobretudo se compararmos com os contextos expostos pela sociedade pós-moderna (Santos, 2006; Aguiar, 2018). Autores, como Murilo Rubião (1919-1991) e José J. Veiga (1915-1999), que já retratavam em seus contos as mazelas e rupturas da vida cotidiana, refletidas em seus personagens, conduzem o leitor a questionar-se a respeito de si, eliminando as fronteiras entre o real e o irreal. Santos (2006).

Diante desse cenário, pretende-se, analisar o conto “*A Armadilha*” de Murilo Rubião na perspectiva da seguinte problemática: como se desenvolvem as angústias vividas pelo personagem Alexandre Saldanha Ribeiro ao ser conduzido ao insólito? A hipótese é que o conflito narrativo remete o leitor a uma suspensão de certezas, onde o medo e a falta de solução espelham a condição de prisioneiro de um mundo desagradável (Bastos, 2001).

Como objetivo geral, busca-se, refletir sobre questões ligadas a conflitos que remetem ao insólito apresentados no conto “*A Armadilha*” de Murilo Rubião, a partir do personagem Alexandre.

Como objetivos específicos, pretende-se observar, a partir do conto “*A Armadilha*” de Murilo Rubião, o que pode despertar os elementos perturbadores e que confronta a realidade presente no interior do conto. A vontade do outro que leva a um fato em que não há solução como não haver saída para um acontecimento improvável e observar os caminhos traçados pelo ser humano em seus conflitos muitas vezes considerados sem solução, a partir da figura do outro (o velho) no conto “*A Armadilha*”.

Ao descrever a respeito da obra de Murilo Rubião (Sulzbach, 2014, p.11), revela a consciência do autor quanto a sua própria escrita, em que “deixa evidente uma constante insatisfação quanto aos resultados de seu trabalho e, principalmente, quanto à forma de expressar sempre passível a modificação ou reelaboração”. A escrita que leva o leitor às reflexões da vida, dos conflitos que muitas vezes as pessoas passam e da falta de solução deixa quem lê perceber a complexidade das relações humanas, como entre as personagens Alexandre e o velho, além das relações da literatura fantástica e os elementos de fuga ao mundo imaginário, a subjetividade expressa no conto, exige do leitor muito mais que uma simples leitura.

Breve teoria do conto, o fantástico e o conto “*A armadilha*”

A origem dos contos é remota, a princípio tendo tradição oral até passar a ter uma tradição escrita, consoante (Gotlib, 1990), a partir do século XIV, apresenta uma característica

estética, ao citar os contos eróticos de Bocaccio. Ao passar dos séculos, vai se proliferando, funde-se à teoria das narrativas. A definição de conto é conflituosa, algumas vezes comparada com o romance, diferenciados pelo limite físico, ou seja, o número de páginas. Assim, poderíamos dizer que se trata de um relato curto, uma “Short Story” como já intitulado. Segundo (Cortázar, 2006) a respeito desse gênero,

[...] chega o dia em que podemos fazer um balanço, tentar uma aproximação apreciadora a esse gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário. (Cortázar, 2006, p.150).

Para Gotlib (1990, p.29), ao tratar do tópico sobre o conto moderno, menciona que a característica do conto é “o seu movimento enquanto narrativa através dos tempos.” Ocorre uma mudança de técnica, prevalece a mesma estrutura do conto antigo. A autora cita que, a partir do século XVIII, inicia a “*fragmentação* dos valores das pessoas das obras.” Isso decorre sobretudo pela tendência futurista.

Ao tratar a respeito do conto maravilhoso, (Propp, 1984, p.14), menciona que “não se pode falar da origem de um fenômeno, seja ele qual for, antes de descrevê-lo” e, assim, é necessário saber, primeiro, qual é o lugar do conto, sua classificação, ao mostrar como este é construído, estudando seus indícios formais e estruturais e a partir disso, estreitar as características de cada tipo de conto, conhecendo as particularidades de cada um, como quando se trata do enredo.

Deve-se considerar então que na literatura Fantástica os eventos serão mais complexos, com múltiplas tramas e subtramas entrelaçadas, e com reviravoltas e surpresas que desafiam as expectativas do leitor, com a descrição de um ambiente rico em detalhes, com descrições vívidas e elaboradas, buscando imergir o leitor em um universo fictício.

Para Todorov (2003), a literatura fantástica se define entre o real e o imaginário, em que conduz o leitor a se integrar ao mundo dos personagens, com percepção ambígua. E, quando o leitor passa pela “hesitação”, este, passa à primeira condição do fantástico e, após sair desse mundo do personagem, outro fato que ameaça o fantástico pode ocorrer, denominado por Todorov de “interpretação do texto”. (Todorov, 2003, p.37).

No Brasil, autores como Murilo Rubião (1919-1991) e José J. Veiga (1915-1999) retrataram em sua escrita a literatura fantástica. A princípio, houve uma incerteza quanto à sua definição, já que desde Machado de Assis pode-se considerar a presença da nomeada literatura, mas apenas com o conhecimento de Kafka, ao fim da década de 30, início da década de 40, por influência de Mário de Andrade é que se reconhece a nomenclatura de literatura fantástica, segundo Schwartz (1982).

Murilo Rubião, escritor mineiro, considerado o pioneiro da literatura fantástica moderna no Brasil, adotada ao fim dos anos 30⁴, em entrevista intitulada “busca desesperada da clareza”,

⁴ Os comentários a respeito de Murilo Rubião partem da obra “Murilo Rubião – seleção de textos, notas, estudo bibliográfico, histórico e crítico e exercícios” por Jorge Schwartz (1982).

o autor diz que optou por tal literatura por ser herança da sua infância, leituras que nesse tempo realizou e por acreditar no sobrenatural e no mágico. Na obra “Os mortos de sobrecasaca” de (Lins,1963, p.266), com relação a Murilo Rubião o intitula como original e talentoso, que se enquadra em moldes universais por considerar sua escrita inacabada, uma vez que sempre reformula sua escrita.

O autor torna sua escrita mais peculiar por apresentar ao início de seus contos o uso de epígrafes bíblicas. Com relação ao uso das epígrafes, Rubião diz ter como base a religião católica, mas que esta prega mais a morte que a vida, optando para a “eternidade já na própria vida”, (Schwartz, 1982, p.04). Considera-se um agnóstico, não aceitando a eternidade nem a morte em vida, sem acreditar na separação de ambas. As epígrafes, na obra Rubiana, formam uma linearidade na narrativa, evocando um ato de reflexão em relação à ação que acontece no espaço do conto.

Sendo assim, as personagens são vítimas de um eterno fazer sem sentido, que se concilia com o inexplicável. Ao mencionar as personagens, Sulzbach (2014, p.15), descreve algumas peculiaridades dessas nos contos de Rubião, como “criaturas solitárias, deslocadas e/ou desterradas”, com relacionamentos “travados” ou “estéreis”, em momentos que “constantemente se veem arrastadas contra a sua vontade por processos incontroláveis.”

No presente trabalho abordamos a respeito do conto “A Armadilha”. Esse conto, conforme Aizawa (2013), foi publicado duas vezes em “Os dragões e outros contos”, de 1965 e “A casa do girassol vermelho”, de 1978. O conto inicia com uma epígrafe, “Porque se a trombeta der um som confuso, quem se preparará para a batalha? (Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios, 14, 8)”, (Schwartz, 1982, p.51). Após, inicia a trajetória do personagem Alexandre Saldanha Ribeiro, que se encaminha a um antigo prédio, a princípio muito seguro de si, mesmo ao se encontrar em um local inóspito e nele adentrar. A descrição dos fatos no decorrer da trama evoca o suspense, em uma sequência gradativa de eventos até o ponto em que se encontra com o outro personagem, que para surpresa de Alexandre, o esperava a dois longos anos. Uma conversa se desenrola, começava a anoitecer e o silêncio os separavam, embora existissem “reminiscências que, mesmo contra a vontade deles, sempre os ligariam.” (Schwartz,1982, p.52). E ao desenrolar dos fatos ocorre a armadilha, Alexandre é trancafiado, não se sabe se “um ano, dez, cem ou mil anos” (Schwartz,1982, p.53).

No conto “A Armadilha” ocorre a quebra de relação com outros contos do autor que consoante (Schwartz,1982, p. 43), ao referir sobre “Os dragões e Outros contos” reflete a respeito das contínuas e inúteis tentativas de se adaptar a valores como a pureza e inocência, questões que por meio do lúdico ocultam questões da existência humana. Em “A Armadilha”, ocorre uma quebra ao se aproximar dos contos de mistérios.

Em “A armadilha” ocorre um lapso, pois ao pensar que sabe o que pensa e faz, Alexandre, não considera o outro (figura do velho), que abala posteriormente suas estruturas ao trancafiá-lo, fato que evoca o insólito. Nesse sentido, Alexandre não deu importância, a princípio, à voz

do outro que, ao fim, o aprisiona. Antes do ocorrido, visto que “estava muito seguro de si” até entrar no resso e começar a perceber e “um terror súbito imobilizou-o” (Schwartz, 1982, p.51), se encontra nesse momento com o personagem que o desestabilizará. Os personagens se apresentam, cada um em seu lado da situação, pouco clara ao leitor, que provoca expectativa, mas ao estarem frente a frente se acomodam dentro do mesmo mundo, com seus motivos, vulnerabilidade e precariedade.

Assim, não se sabe o verdadeiro sentido da atitude do outro expresso na figura do velho, denotando o inusitado ou estranho no conto “A Armadilha”. Alexandre perde a capacidade de analisar sua própria condição, pois a angústia, o desespero da prisão o torna apático, vulnerável, sem ação pelo que acontecerá. Aqui há uma quebra de padrão, pois Alexandre até poderia questionar, lutar, mas Rubião não deixa brechas para que se imagine como o personagem encontraria resposta para seu dilema, uma saída.

O desejo do outro em “A armadilha”

O estudo dos contos fantásticos proporciona ao leitor analisar pontos que se relacionam a situações do real com o imaginário, ligados por personagens e suas ações. Segundo Bosi (1997, p. 21), “O conto de hoje, é capaz de refletir as situações mais diversas da nossa vida real ou imaginária (porque sensível, tensa e empenhada de significação, mas não forçosamente modernista)”. Sendo assim, por meio da pesquisa bibliográfica, pode-se analisar o conto “A Armadilha” de Murilo Rubião, observando os traços que envolvem o cotidiano das pessoas em geral, inseridas em uma sociedade, em que as emoções, angústias, alegrias, tristezas e anseios se perdem, muitas vezes, no individualismo e o insólito.

Na busca do bem-estar, cria-se a ilusão que ao buscar a satisfação de seus desejos, tem-se a falsa liberdade de encontrar segurança. Alexandre no conto “A armadilha” se torna um indivíduo frágil, tenta sobreviver, ao procurar se desvencilhar do aprisionamento do velho, mas é deixado para trás, rompendo a ideia de segurança. A personagem não tem tempo para pensar em uma solução e revisar suas ações até aquele momento, agiu com imprudência? Ao ter o tempo esgotado, o personagem se torna vítima da fragilidade, o que lhe resta é tomar a fatalidade de seu destino, já que se torna inútil tentar uma saída.

Ao mencionar o conto “A Armadilha”, a falta de informações sobre as razões que levaram a obstinação do homem mais velho a esperar o outro homem no decorrer de dois anos em um local puído e desgastado, observa-se o conflito entre as personagens, faz parecer que Alexandre retorna brevemente ao passado que o espera, na figura do velho, que não quer deixar o outro partir. Acontece nesse ponto do conto, o início da inquietude vivida pelo personagem Alexandre Saldanha Ribeiro levado ao inusitado.

A esse respeito (Percino, 2014, p.28) menciona “A Armadilha” como indefinido com um desfecho ardiloso, dividida em uma experiência mono-perpétua o qual é o ato de ficar, com gradações temporais por não definir quanto tempo ficarão presos àquele lugar, fato que demonstra

ser terrível, pior que o ato de matar e por não apresentar um fim que acontece de forma cíclica, sendo assim, uma ação indefinida, como que em um labirinto, um beco sem saída. Transcorre, com isso, um contraste incomum, como no trecho que demonstra que o homem mais velho estava armado, mas descarregou a arma no teto. Estava impedido de matá-lo. Seria uma ordem dada por outra pessoa? Ou foi ocasionado pela figura da mulher mencionada, Ema? Rubião não expressa nenhuma pista quanto a isso. É a partir desse momento que Alexandre toma consciência de que está encurralado, não há mais saída para ele.

Ao analisar a obra de Murilo Rubião verificamos a condição humana e, no caso do conto “A armadilha”, o conflito das personagens e suas condições diante de si e do momento vivenciado com traços da realidade, mas ao desenrolar do conto, provoca estranheza por apresentar um inesperado e a incompreensão, que remete o leitor a não definição dos fatos. Furuzato é pontual nessa questão, ou seja,

Do ponto de vista social, um dos aspectos que mais chama a atenção, no universo ficcional de Murilo, são os relacionamentos problemáticos que se estabelecem entre os indivíduos. Isso porque as formas de convívio mais convencionais em nossa sociedade apresentam pelo menos um caso de transgressão em sua obra. (Furuzato, 2002, p.142)

Nesse conto, seguindo algumas funções citadas por Propp (1984), há a ausência das explicações que levam a personagem a ir até o hotel, subindo dez andares, embora estivesse com o peso da mala sobre si. Ele não queria encarar o que o esperava, embora pareça ocorrer o engano da vítima por ser ao fim trancafiado naquele quarto de hotel. Nesse contexto, não existe um herói que possa salvá-lo, mas o que acontece é um castigo ou punição, que no caso é ficar preso por “um ano, dez, cem ou mil anos”. Apresenta-se, então, um antagonista, representado por Alexandre, o velho que se torna um agressor da liberdade. Ao comparar com as situações da vida, o ser humano se vê encurralado, então as pessoas se tornam os antagonistas que lutam para vencer os conflitos. Conforme Schwartz (1982), em “A Armadilha” ocorre,

[...] o confronto entre os dois personagens cria um clima de *suspense*, típico das narrativas de mistério. Mas a imaginação de Murilo Rubião afasta esse conto das estruturas tradicionais dos contos de mistério, encaminhando-o a soluções próprias da narrativa fantástica. (Schwartz, 1982, p.43).

Percebe-se que tal conto vai se desenvolvendo a partir das angústias vividas pelo personagem Alexandre Saldanha Ribeiro e essas podem ser relacionadas às inquietudes vividas no cotidiano de cada indivíduo, inserido em uma sociedade insólita, o que revisita o absurdo, como menciona Silva (2013, p.31), “Como o essencial é apresentar o indivíduo confrontado por sua condição existencial”.

O personagem Alexandre, era um fugitivo, que mudava de lugar e de nome continuamente. Também foi abandonado por “Ema”, conhecida pelo velho que o esperava a longos anos. Seria ela o motivo do desafeto? Isso Rubião deixa implícito e o interessante, após essa lacuna, com o passar do dia, silencia certas reminiscências que sempre os uniriam, quais seriam essas? Por

que Alexandre foi àquele lugar, encontrar-se com o passado? E após um tempo se entrega ao desespero e aí começa a ser encurralado sem que ninguém pudesse ajudá-lo.

O fato de a personagem ficar presa nos remete a que ali naquele local, presos ficariam “um, ano, dez, cem ou mil anos” (Schwartz, 1982, p.53), se observam, nesse sentido, as condições pós-modernas e os caminhos traçados pelo ser humano em seus conflitos muitas vezes considerados sem solução. Para Alexandre não havia solução, ele ficou preso à sua história, ao passado, ao reencontrar com o misterioso velho.

O conto “A Armadilha”, ao tomar a figura do idoso, este ficou por anos esperando Alexandre, simplesmente não quis ser livre e rejeitou a perspectiva da libertação pelas dificuldades que o exercício dessa pode acarretar. O tormento do retorno do protagonista do conto o levou a perder a lucidez e a vingar-se, mesmo que perdesse a própria liberdade.

Se vê o elemento do fantástico com uma situação irreal, imaginária, pois com um elemento incomum, uma vez que, o idoso buscou uma solução que causou angústia, incerteza, desorganizando as estruturas formadas em um contexto social, uma vez que Alexandre se colocou contra a personagem mais velha, causando agonia e incerteza sobre a decisão do outro que tornaria sua vida uma calamidade por ser aprisionado.

O homem mais velho ao pronunciar: “Apenas esperava a sua vinda. Há dois anos, desta cadeira, na mesma posição em que me encontro, aguardava-o certo de que você viria” (Schwartz, 1982, p.52). Nesse contexto, não se observou a condição humana, por meio do isolamento, que achou ser a solução para seu conflito, independente da condição e opinião do outro. Remete-se a frieza, apatia, que aflora o instinto da vingança, que está gravado em si, em seu inconsciente, o passado.

Nesse sentido, como cita Percino (2014, p.15), há a troca de uma “lógica da verdade” por uma “lógica do acontecimento” que será definida por algo ilimitado, com um fato impensável, de um acontecimento inusitado. A vida de Alexandre se tornou frágil e incerta, mas esse fato também afetou o outro que decidiu se aprisionar junto.

Conclusão

O intuito do presente trabalho não foi interpretar, caindo no segundo risco citado por Todorov (2003), mas sim refletir a respeito das relações entre as personagens Alexandre e o homem mais velho que não souberam expressar seus anseios, angústias, ressentimentos e assim, foram conduzidos ao ponto do isolamento como castigo, não se sabe por qual razão de uma das partes. Na tentativa de fuga, o personagem volta ao passado, se encontra com o ressentimento e se vê em uma condição em que não há saída, enclausurado em um lugar sem saída, em que terá que ficar não se sabe por quanto tempo, conduz o leitor a realizar considerações a respeito do insólito no decorrer do conto.

Por meio das reflexões realizadas no conto “A Armadilha” de Murilo Rubião, com estudiosos que se voltaram para a literatura fantástica e a literatura desenvolvida pelo autor mencionado, como, Schwartz (1982), Sulzbach (2014), Percino (2014), houve a oportunidade de remeter ao conto e sua breve origem, a questões teóricas para o seu desenvolvimento, como Gotlib (1990), Cortázar (2006), Propp (1984), ligado a literatura fantástica, com Todorov (2003) e além do fato de retratar questões ligadas as angústias, dentre outros autores que enriqueceram esse trabalho.

Ao se voltar ao conflito criado no conto, o leitor é levado a uma gama de sensações como angústia, medo, esperança, mas que ao fim não apresentará uma continuidade que se mistura entre o questionamento do que pode ser real ou não. Busca-se, assim, significado pela análise de questões ligadas a conflitos que remetem ao insólito. O que se confirma ao relacionar, as condições pós-modernas e os caminhos traçados pelo ser humano em seus conflitos muitas vezes considerados sem solução com a figura de Alexandre ao se deparar com o passado na figura do velho.

Por meio da pesquisa bibliográfica pode-se aprofundar e criar uma nova visão com relação ao insólito proporcionado pela vontade do outro (figura do velho) que abalou as estruturas do outro, fato que marcou para sempre as personagens presas não se sabe por quanto tempo, criando no leitor a expectativa da literatura fantástica que explora as transgressões do que é normal e natural, ao fazer quem lê a continuar de forma incansável questionar-se e buscar explicações sobre suas indagações, medos e sobre aquilo que lhe é desconhecido.

Assim, por meio do insólito, o autor de “A Armadilha” proporciona atualmente o questionamento e autoanálise de diversas questões da sociedade atual, bem como do mundo interior do ser humano, como suas angústias e sua existência. Por meio de sua escrita e reescrita, Murilo Rubião conduz ao enfrentamento de conflitos e a questões que conduz a busca da própria verdade, ao se desbravar no estranhamento da personagem Alexandre, ao considerar o que pode ser real e imaginário, revisitando a própria condição humana e os desfechos ou inconclusões de cada um.

Referências

AIZAWA, Livia Sayuri (2013). Análise do conto A armadilha, de Murilo Rubião. *SePeG - Seminário de Pesquisas da Graduação, Língua, Literatura e Ensino*. v. 8 (2013): 10. Unicamp: Campinas, SP. Outubro/2013 – Vol. X. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/4239>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

AGUIAR, Marcela de Castro Ávila (2018). A banalização do insólito na modernidade líquida: uma leitura d’o ex-mágico da taberna minhota, de Murilo Rubião. *Raído*, Dourados, MS, v. 12, n. 29, jan./jun. ISSN 1984-4018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/7780>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

BASTOS, Hermenegildo José. *Literatura e colonialismo: rotas de navegação no comércio de*

Murilo Rubião. Brasília: EdUnB, 2001.

BOSI, Alfredo (1997). *O conto brasileiro contemporâneo*. 14. Ed. São Paulo: Cultrix.

CORTÁZAR, Julio (2006). *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva.

FURUZATO, Fábio Dobashi (2002). *A transgressão do fantástico em Murilo*. Orientadora: Vilma Sant' Anna Arêas. p. 182. Dissertação. Campinas, SP.

GARCIA, Flavio. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Garcia, Flavio (org.) – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

GOTLIB, Nádia Battella (1990). *Teoria do conto*. São Paulo: Ática.

LINS, Álvaro (1963). *Os mortos de sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PERCINO, Eziel Belaparte (2014). *Murilo Rubião: Sendo e não senso*. São Carlos: EDUFSCar.

PROPP, Vladimir (1984). *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Ed. Florense Universitária.

SAMPERIO, Guillermo (2005). *Después apareció una nave. Manual para nuevos cuentistas*. Madrid: Editorial páginas de espuma.

SANTOS, Luciane Alves (2006). A metamorfose nos contos fantásticos de Murilo Rubião. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Artigos da sessão livre PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 02 N. 02 – jul/dez, 2006*. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/download/4873/2788/15590>. Acesso em: 22 janeiro 2024.

SCHWARTZ, Jorge (1982). *Murilo Rubião: seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e críticos e exercícios*. São Paulo: Abril Educação.

SILVA, Fabiola Maceres (2013). *As (des)ilusões do (ir)real na ficção de Murilo Rubião*. Orientadora: Maria Célia de Moraes Leonel. p. 90. Dissertação. Unesp, São Paulo: Araraquara.

SULZBACH, Samuel (2014). *Peculiaridades do fantástico na obra Muriliana*. Orientador: Prof. Dr. Paulo Seben de Azevedo. 90 f. Monografia. (Licenciatura em Letras) Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UFRS, Porto Alegre.

TODOROV, Tzvetan (2003). *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Ed. Perspectiva.